
*Sobre o sentido II: sugestão de leitura**

Dilson Ferreira da Cruzⁱ

Resumo: Este estudo procura demonstrar que, sem deixar de ser a consumação de uma fase fundamental da semiótica e tendo fundado diversos dos alicerces da teoria, *Sobre o sentido II* lançou as sementes das transformações pelas quais essa ciência passaria nos anos seguintes e que vicejam até os dias atuais. Para tanto, em um primeiro momento são abordados aspectos gerais do livro, tais como a cronologia e a organização dos estudos que o compõem. Em seguida, é feita uma breve análise do prefácio de Greimas e dos aspectos centrais de cada um dos onze estudos que constituem o livro. Finalmente, na conclusão, busca-se destacar sucintamente as perspectivas abertas por *Sobre o sentido II* e sua efetivação no desenvolvimento da teoria.

Palavras-chave: Greimas; semiótica clássica; fundamentos teóricos; modalidades.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2024.226269>.

ⁱ Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: dfc70@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3068-5307>.

Introdução

Embora em 2013 Diana Luz Pessoa de Barros já tenha, no belo prefácio à edição brasileira, salientado as contribuições de *Sobre o sentido II* (Greimas, 2014) para a teoria semiótica e o fato de o livro ter aberto os caminhos para mudanças no fazer e no saber semióticos, passados dez anos não é demais lembrar que além de ser o ápice da semiótica dita clássica, o livro expõe diversos aspectos dessa fase da teoria em um nível de detalhamento e profundidade que não se encontram em outras obras de Greimas. É fato que o *Dicionário de semiótica* engloba uma grande gama de conceitos também presentes em *Sobre o sentido II* (Greimas; Courtés, 2008), porém, obviamente, tem-se lá um dicionário; forma ideal para que se estabeleçam definições, mas não tanto quando se deseja ter uma visão mais abrangente e consistente da teoria, como a que é exposta no livro de que nos ocupamos.

Outro aspecto a corroborar o juízo de que *Sobre o sentido II* marca uma espécie de ápice de uma determinada abordagem semiótica decorre, como se observa no quadro a seguir, do fato de ele ser o sexto de Greimas a tratar exclusivamente da semiótica e de suceder justamente o *Dicionário* (Greimas, 2008), com o qual partilha, conforme já foi dito, inúmeros conceitos. O livro é o antepenúltimo do autor, dado que após ele virão apenas *Da imperfeição*, de 1987, e *Semiótica das paixões*, de 1991, que marcam de maneiras distintas uma grande mudança na teoria, e sugerem uma ruptura com *Sobre o sentido II*.

Quadro 1: Publicação dos livros de Algirdas Julien Greimas na França.

Ano	Título do livro
1966	Semântica estrutural
1968	Dictionnaire de l'ancien français jusqu'au milieu du XIV ^e siècle ^[A]
1970	Sobre o sentido
1976	Maupassant: a semiótica do texto, exercícios práticos
1976	Semiótica e ciências sociais
1979	Análise do discurso em ciências sociais
1979	Dicionário de semiótica
1983	Sobre o sentido II
1985	<i>Des dieux et des hommes : études de mythologie lithuanienne</i> ^[A]
1986	<i>Sémiotique : dictionnaire raisonné de la théorie du langage II</i> ^[A]
1987	Da imperfeição
1991	Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma
1992	<i>Dictionnaire du moyen français</i> ^[B]
2007	<i>La Mode en 1830</i> ^[B]
2017	<i>Du sens en exil : Chroniques lituaniennes</i> ^[B]

Fonte: elaboração própria.

^[A] Tradução em português não localizada.

^[B] Publicações póstumas e sem tradução disponível em português.

Não é apenas o lugar ocupado pelo livro na cronologia da obra greimasiana que poderia advogar por sua classificação como mais do mesmo, em oposição às obras que o sucederam; também o período em que os ensaios foram escritos corroboraria tal avaliação, pois sua redação ocorreu entre 1973 e 1982; portanto, durante a década em que a semiótica clássica se consolidou e floresceu e em que o estruturalismo ainda era praticamente uma unanimidade. Por outro lado, como se vê no quadro abaixo, a ordem de apresentação dos artigos no livro não obedece à cronologia de sua produção, pois, como se sabe, *Sobre o sentido II* não é um livro pensado desde o início como uma unidade, como é, por exemplo, *Semiótica das paixões* (1991).

Quadro 2: Ano original de publicação dos estudos que compõem *Sobre o sentido II*.

	Capítulo	Ano
1º	Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor	1973
2º	Os actantes, os atores e as figuras	1973
3º	Para uma teoria das modalidades	1976
4º	Sobre a modalização do ser	???
5º	O contrato de veridicção	1980
6º	O saber e o crer: um único universo cognitivo	1981
7º	Descrição e narratividade a propósito de “O barbante” de Guy de Maupassant	1973
8º	<i>A soupe au pistou</i> ou a construção de um objeto de valor	1979
9º	Sobre os acidentes nas ciências ditas humanas	1979
10º	O desafio	1982
11º	Sobre a cólera	1981

Fonte: elaboração própria.

Finalmente, o último e mais óbvio argumento em defesa de certo lugar de *Sobre o sentido II* na história da semiótica decorre dos estudos do livro, os quais, dada sua excelência, acabaram por ganhar vida própria, o que não os impediu de serem enquadrados no que se convencionou chamar de “semiótica *standard*”, expressão que por vezes parece ter um quê pejorativo.

Contudo, entende-se que há também elementos para defender a tese de que se, por um lado, *Sobre o sentido II* encerra uma fase da ciência, e o faz com maestria, por outro, abre novas perspectivas que se confirmam nas veredas que a semiótica tomou a partir de meados dos anos 1990 e que segue ainda em

nossos dias, ainda que em ramificações diversas e por vezes distantes entre si. Além disso, apesar de os estudos que o compõem terem sido publicados de forma isolada ao longo de nove anos e em publicações diversas, o livro é dotado de uma admirável unidade. Antes, porém, de justificar tais assertivas, convém recordar o que o próprio Greimas afirmou acerca de seu trabalho.

1. O preâmbulo de *Sobre o sentido II*

Fidelidade e mudança. É com esse oxímoro que Greimas abre o percuciente preâmbulo de *Sobre o sentido II*, reconhecendo que é paradoxal para um pesquisador desejar permanecer fiel a si mesmo, quando a ciência busca justamente a evolução. Em seguida, explica que o livro “se inspira em uma aproximação gerativa que visa a encontrar, partindo da foz e buscando a nascente, o fio condutor e o sujeito de uma prática semiótica que supera esforços particulares” (Greimas, 2014, p. 18).

De forma coerente com tal proposição, o autor passa a revisar alguns marcos da pesquisa realizada ao longo dos cerca de quinze anos de uma *aventura semiótica*. Inicialmente, revê, ainda no preâmbulo, o conceito de programa narrativo para lembrar que toda narrativa é, na verdade, constituída de dois programas opostos que se entrecruzam, e que o papel temático de traidor ou de herói — e o conto de Borges intitulado “Tema do traidor e do herói” (Borges, 1991) é quase didático nesse aspecto — depende da coloração moral que o narrador atribui aos atores. Será herói ou traidor aquele que o narrador assim apresentar, independentemente dos programas narrativos executados, o que já indica o peso da narração sobre o narrado ou, se preferirmos, da enunciação sobre o enunciado.

Em seguida, Greimas afirma que a relação entre sujeitos e objetos não basta para definir axiologicamente uns e outros, e que a competência dos primeiros é determinada pelas modalidades de que eles se veem investidos: *querer, dever, poder* ou *saber*, as quais estabelecem em termos cognitivos e tímicos a identidade do sujeito. Se antes se discutia a circulação de objetos descritivos que eram perseguidos e disputados sem que se soubesse ou se atentasse para o que originou tal situação, agora a preocupação incide sobre suas causas ou razões, o que, por sua vez, abre as portas para que se examinem as paixões que movem os sujeitos.

De quantitativa, a mudança passa então a qualitativa: se ao ler Propp nos víamos às voltas com seres e objetos [...] situados na dimensão pragmática da narrativa, agora se trata de competições e de interações cognitivas em que sujeitos modalmente competentes disputam objetos modalizados: já a dimensão do acontecimento, referência de suas ações, nada mais é que um pretexto para justas ainda mais importantes (Greimas, 2014, p. 21).

No último segmento do preâmbulo, Greimas examina a importância das modalidades na definição dos actantes semióticos: sujeito, objeto, destinador e destinatário, e observa que a própria evolução da semiótica passou a exigir a construção de uma teoria das paixões, uma vez que

a sintaxe narrativa de superfície [já] era, em seu conjunto, interpretável em termos de sintaxe modal a qual, por sua vez, recobria toda dimensão cognitiva, pois o que restava da dimensão pragmática provavelmente podia ser creditado à componente semântica da gramática (Greimas, 2014, p. 29).

Greimas encerra o preâmbulo atribuindo especial atenção ao saber, modalidade que continuará a ocupar posição importante em vários estudos do livro. Na verdade, não é apenas o saber que merece destaque na obra, mas o próprio conceito de modalidade, o qual está diretamente relacionado aos rumos que a semiótica seguirá após a publicação de *Sobre o sentido II* e que desembocou, especialmente, na semiótica das paixões. Aliás, foi provavelmente tal fato que levou Jacques Fontanille a afirmar, trinta anos depois, que a semiótica das paixões inicialmente se somou à semiótica da ação e que em seguida acabou por absorvê-la (Biglari, no prelo, p. 180). É nesse ponto preciso que se adota aqui o entendimento de que sem deixar de ser, de fato, o ápice de uma fase da teoria, *Sobre o sentido II* é também, e sobretudo, a pedra fundamental que permitiu à semiótica as construções que se erigiram nos anos que se seguiram, conclusão esta reforçada pelo parágrafo final do preâmbulo, em que Greimas retoma a ideia de permanência e mudança do início ao afirmar que “quer se trate de uma crise de crescimento ou de uma mudança decisiva, uma nova feição da semiótica vai se desenhando aos poucos” (Greimas, 2014, p. 29).

Enfim, o preâmbulo de Greimas parece sugerir alguma cautela na classificação de *Sobre o sentido II* apenas como uma espécie de compêndio, ainda que muito bem sucedido, da semiótica dita *standard*, pois o autor deixa claro que uma mudança decisiva estaria em curso. Contudo, tais afirmações não são suficientes para justificar a posição do livro na teoria; é preciso ver, afinal, o que exatamente está em jogo. É com esse objetivo que nas páginas seguintes serão examinados brevemente os aspectos centrais de cada um dos estudos que compõem o livro.

2. Os estudos de *Sobre o sentido II*

Inicialmente, voltemos uma vez mais ao sumário para propor um outro ordenamento do livro, fundado não mais na publicação inicial dos artigos ou no índice, mas de acordo com o enfoque principal de cada estudo. São sugeridos dois grupos principais: o primeiro composto pelos capítulos mais diretamente voltados para o estudo das modalidades, e o segundo formado por aqueles que

dão maior peso às relações entre sujeitos e objetos. O Quadro 3 a seguir apresenta tal divisão:

Quadro 3: Divisão dos estudos de *Sobre o sentido II* por tema.

	Tema / Estudo	Publicação
<i>Modalidades</i>		
3º	Para uma teoria das modalidades	1976
4º	Sobre a modalização do ser	???
5º	O contrato de veridicção	1980
6º	O saber e o crer: um único universo cognitivo	1981
9º	Sobre os acidentes nas ciências ditas humanas	1979
10º	O desafio	1982
11º	Sobre a cólera	1981
<i>Sujeitos e objetos</i>		
1º	Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor	1973
2º	Os actantes, os atores e as figuras	1973
8º	<i>A soupe au pistou</i> ou a construção de um objeto de valor	1979
<i>Procedimentos de análise</i>		
7º	Descrição e narratividade a propósito de “O barbante” de Guy de Maupassant	1973

Fonte: elaboração própria.

Como se vê, mais da metade dos estudos discutem as modalidades, naturalmente com enfoques distintos. Do restante, pouco menos de um terço trata da construção de objetos de valor e, conseqüentemente, da construção dos sujeitos, sendo dois de 1973, e um, “*A soupe au pistou*”, de 1979. Já os textos que tratam das modalidades são mais recentes, com exceção de “Para uma teoria das modalidades”, que é de 1976. Finalmente, um artigo, também de 1973, portanto, anterior ao livro *Maupassant, a semiótica do texto*, é dedicado a procedimentos de análise. Uma tal organização vai ainda ao encontro do que Greimas afirmava no preâmbulo sobre as modalidades definirem a identidade de sujeitos e objetos. De forma coerente com tal afirmação, o autor primeiro propõe os dois estudos que tratam de sujeitos e objetos para depois apresentar as modalidades que concluem a definição de suas identidades. Por outro lado, se o livro for reorganizado não mais de forma temática ou cronológica, mas conforme o enfoque de cada estudo, ter-se-á outra visão: os seis primeiros artigos seriam de cunho mais teórico, ao passo que os cinco últimos teriam uma abordagem mais prática:

Quadro 4: Classificação dos estudos de *Sobre o sentido II* por tipo de abordagem.

	Capítulo	Abordagem
1º	Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor	teórica
2º	Os actantes, os atores e as figuras	
3º	Para uma teoria das modalidades	
4º	Sobre a modalização do ser	
5º	O contrato de veridicção	
6º	O saber e o crer: um único universo cognitivo	
7º	Descrição e narratividade a propósito de “O barbante” de Guy de Maupassant	prática
8º	<i>A soupe au pistou</i> ou a construção de um objeto de valor	
9º	Sobre os acidentes nas ciências ditas humanas	
10º	O desafio	
11º	Sobre a cólera	

Fonte: elaboração própria.

Um último aspecto merece ser destacado no ordenamento acima: com exceção do sétimo estudo, os demais podem ser agrupados dois a dois, em torno de um tópico comum a ambos, conforme se vê abaixo:

Quadro 5: Tópicos abordados em *Sobre o sentido II*.

	Capítulo	Tópico
1º	Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor	Sujeitos e objetos
2º	Os actantes, os atores e as figuras	
3º	Para uma teoria das modalidades	Modalidades do ser e fazer
4º	Sobre a modalização do ser	
5º	O contrato de veridicção	Saber e crer
6º	O saber e o crer: um único universo cognitivo	
7º	Descrição e narratividade a propósito de “O barbante” de Guy de Maupassant	Procedimento de análise
8º	<i>A soupe au pistou</i> ou a construção de um objeto de valor	Análise de textos, ficcionais ou não
9º	Sobre os acidentes nas ciências ditas humanas	
10º	O desafio	Análise prática das modalidades
11º	Sobre a cólera	

Fonte: elaboração própria.

O que foi exposto até o momento fala a favor da excelência e, sobretudo, da coesão da obra e parece confirmar que ela é o ápice de uma fase da teoria. Contudo, espera-se pela demonstração de que o livro também lança as bases, como ficou dito, para as transformações pelas quais a semiótica passaria a partir da virada do milênio. Para tanto, examinemos sem mais demora cada um dos estudos que compõem o livro.

2.1 Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor

Neste artigo primordial, Greimas demonstra que, ao ser atribuído a um objeto, o valor passa a estar relacionado também com o sujeito e assim se torna valor do e para o sujeito. Desse modo, a sequência de relações de junção que se estabelecerão entre sujeitos — e objetos —, sejam elas realizações ou virtualizações, constituirá as narrativas. Nas trocas, pragmáticas ou cognitivas, os sujeitos atribuirão valores ao valor investido no objeto, sendo tal atribuição desencadeadora de conflitos que iniciam ou fazem avançar as narrativas. Surge daí, da noção de valor do valor, a ideia da valência que será tão cara à semiótica dos anos vindouros. Também vêm daí os diversos desdobramentos que, por exemplo, buscarão traduzir as relações entre os sujeitos e os objetos em termos de intensidade e de extensidade, ou, ainda, que procurarão examinar a velocidade com que se estabelecem e se desfazem tais relações. Como o nível narrativo limita-se a relações sintáticas de junção entre sujeitos e objetos, será preciso atingir o nível discursivo para que o narrador acrescente uma coloração moral às operações realizadas e transforme os actantes em atores, atribuindo-lhes o papel de vilões, heróis, etc...

2.2 Os actantes, os atores e as figuras

Se no artigo anterior Greimas discutia questões relacionadas ao objeto, neste apresenta noções que afetam mais o sujeito, tais como papel actancial, papel temático, ator e configuração discursiva. Isso faz com que ambos os artigos — que, embora contemporâneos, foram elaborados em momentos distintos — constituam uma unidade. O autor também aborda as relações entre os níveis narrativo e discursivo e algumas das transformações que se operam na passagem de um a outro. Assim, se por um lado ainda há aspectos a serem elucidados em tal transformação, por outro, é fato que nesse capítulo Greimas demonstra com clareza que a passagem do nível narrativo para o discursivo se dá mediante o enriquecimento figurativo dos actantes, que deixam de ser simples posições sintáticas e ganham materialidade ao serem convertidos em atores, identificáveis no mundo real. Também as relações entre eles, que no nível narrativo limitam-se à junção, no nível discursivo ganham uma infinidade de possibilidades, sendo demonstrado que a relação entre actantes e atores não é de um para um, mas

múltipla nos dois sentidos, de modo que actantes distintos no nível narrativo podem ser subsumidos em um único ator no nível discursivo. Por exemplo, os papéis de sujeito da ação e destinador julgador no nível narrativo podem ser assumidos por um único ator que executa sua ação e depois sanciona seu próprio destinador. De igual modo, um único actante no nível narrativo pode originar inúmeros atores no nível discursivo, como ocorre quando o sujeito é manipulado por vários destinadores. Greimas demonstra ainda que a reiteração de determinados programas narrativos originarão, no nível discursivo, papéis temáticos como o do herói, do traidor, do conquistador, do rebelde, etc... que futuramente estarão no cerne da noção de práticas e de formas de vida. Finalmente, observe-se que a distinção dos dois níveis citados garante a economia da teoria, pois sem tal divisão seria impossível dar conta do número infinito de narrativas das mais variadas espécies com um número pequeno de programas narrativos.

2.3 Por uma teoria das modalidades

Segundo Greimas, a elaboração desse estudo, publicado inicialmente em 1976, foi motivada pela necessidade de explicitar a componente modal de uma gramática discursiva, que então florescia. Visando a tal objetivo, inicialmente o autor compara as modalidades veridictórias (*ser/parecer*) e factivas (*fazer*) de modo a mostrar que ambas se situam não no plano pragmático, mas no plano cognitivo, sendo que as modalidades factivas desencadeiam o fazer, ao passo que as modalidades veridictórias atuam *a posteriori*, como um julgamento acerca do fazer já realizado. Em outras palavras, as factivas estariam no cerne da manipulação exercida pelo destinador manipulador, ao passo que as veridictórias estariam implicadas no fazer interpretativo do destinador julgador. Greimas ainda identifica neste capítulo as modalidades de base sobre as quais no futuro se erigirá toda a semiótica das paixões: *dever*, *querer*, *poder* e *fazer*, e mostra como sua combinação pode dar origem a nominalizações que não são simples substantivos, mas componentes essenciais da identidade dos sujeitos, e constitutivos de qualquer narrativa; é o caso de prescrição (*dever fazer*); interdição (*dever não fazer*); possibilidade (*não dever não ser*), etc. Além disso, Greimas realiza uma série de confrontações modais que encerram em si mesmas pequenas narrativas que no futuro demonstrarão o papel central das modalidades em detrimento do objeto. É o caso, por exemplo, da confrontação entre, de um lado, a combinação de *dever-fazer* com *querer-fazer*, que dá origem à obediência ativa, e do *não-dever-não-fazer* com *não-querer-não-fazer*, que gera a vontade passiva. Como se vê, tais avanços tornam este capítulo um dos mais importantes da teoria, pois lançam as bases que mais tarde originariam a semiótica das paixões.

2.4 A modalização do ser

A discussão acerca das modalidades continua neste capítulo, porém com enfoque não mais na modalização do fazer, mas na do ser. O autor inicia o estudo afirmando que uma categoria semântica em um quadrado semiótico é axiologizada mediante a projeção sobre ela de uma categoria tímica (euforia/disforia), o que faz com que seus termos contrários, até então neutros, passem a ser considerados eufóricos, num caso, e disfóricos, no outro. O investimento tímico recebido pela categoria no nível fundamental repercute na relação do sujeito com o objeto, de modo que o objeto considerado eufórico pelo sujeito passará, por exemplo, a ser desejável, e o considerado disfórico, indesejável. Em outras palavras, o valor atribuído ao objeto tem dois componentes, um semântico e outro tímico, e no nível mais superficial receberá uma coloração modal correspondente a uma ou mais das quatro categorias modais de superfície, constatação que anos mais tarde será um dos fundamentos de uma semiótica voltada para o sensível. No entanto, os valores não ficam como que confinados ao objeto, pois sua relação com o sujeito faz com que suas modalizações tornem-se constitutivas da existência modal do sujeito. O resultado final é tal que a competência modal decorre, na verdade, da modalização do objeto, pois o sujeito só poderá ser dotado de um querer, por exemplo, se tal querer for associado a um objeto que se mostre desejável.

2.5 O contrato de veridicção

Após demonstrar que o conceito de verossimilhança varia conforme a sociedade e a época, e que não se aplica a todos os discursos — não cabe, por exemplo, falar em verossimilhança de um discurso filosófico — Greimas propõe algumas questões: Em quais condições dizemos a verdade? Como mentimos? Em quais situações aceitamos como verdadeiros os discursos dos outros? Ou ainda: O que o enunciador faz para que seu discurso pareça verdadeiro? Em síntese, Greimas propõe três respostas: primeira, o discurso constitui um referente interno que o faz parecer um discurso que estatui as coisas quando na verdade fala de coisas que devem ser como se tais coisas já fossem. Segunda, denominada de camuflagem subjetivante: o destinador constrói um discurso que se apresenta como um segredo que só chega aos ouvidos do destinatário em razão dos atributos específicos de ambos, que assim se mostram especiais. E as redes sociais estão cheias de mensagens dessa natureza. Terceira resposta, inversão da segunda, chamada pelo autor de camuflagem objetivante: para que seu discurso seja aceito como verdadeiro, o enunciador apaga a si próprio e faz com que a mensagem se mostre como simples resultante de relações que ele dá por verdadeiras, inquestionáveis, como ocorre na primeira das respostas acima. Mais uma vez, as redes sociais são pródigas em exemplos. Como se vê, tais estratégias

dispensam a adequação do discurso a um referente externo que demonstre sua verdade, pois isto não é mais necessário; a adequação que agora é buscada refere-se ao universo axiológico do destinatário ou, mais precisamente, à construção desse universo que é feita pelo destinador. Em resumo, aceitam-se como verdadeiros os discursos que sejam compatíveis com os valores do destinatário, pouco importando se se contrapõem a uma realidade exterior. Mais uma vez, a polarização destes dias atesta a precisão das palavras de Greimas, posto que os indivíduos mostram-se impermeáveis a discursos não oriundos de seus pares. Como consequência desse estado de coisas, o conceito de verdade é substituído pelo de eficácia: é verdadeiro o discurso que sabe se fazer aceito como verdadeiro, ainda que desamparado da realidade. Não por acaso, os marqueteiros, que antes tinham uma participação secundária em eleições — quando tinham —, hoje adquirem tanta relevância nas campanhas eleitorais quanto o próprio programa de governo do candidato. Talvez mais. Sem dúvida, as palavras finais de Greimas (2014, p. 124), aplicam-se perfeitamente a nossos dias:

Na era da manipulação em que vivemos, a distância entre a verdade e a certeza, entre o saber e o crer, é particularmente visível. [...] A sociedade da descrença se deixa submergir por vagas de credulidade, se deixa tomar por discursos políticos, didáticos, publicitários, de modo que o saber adquirido sobre as armadilhas do saber se mostra um antídoto absolutamente ineficaz. O grito de dor “*credo quia absurdum*”, que nos chega do fundo da Idade Média...

2.6 O saber e o crer: um único universo cognitivo

Greimas continua sua análise acerca das relações entre o saber e o crer, afirmando que o *fazer-saber* que constitui a comunicação entre os indivíduos é, na verdade, um fazer-crer, que corresponde, em uma de suas extremidades, a um ato de persuasão e, na outra, a um ato interpretativo, pois toda afirmação tem por subentendido um *eu creio que...* à qual corresponderia um *concordo* ou *discordo*. Consequentemente, quando se discute o aspecto cognitivo dos discursos, o que na verdade está em jogo são as crenças dos sujeitos, de modo que no dia a dia o saber e o crer se sobrepõem com frequência. É como, continua Greimas, se o saber e o crer estivessem contidos em uma estrutura elástica que quando em repouso, relaxada, faz com que as duas modalidades se confundam, mas que quando é submetida à tensão faz as duas modalidades afastarem-se e oporem-se, pois muitas vezes — e nossos dias mais uma vez o comprovam — o crer se afirma sobre a negação do saber instalado. Enfim, o ato comunicativo é um ato de manipulação em que o destinador-manipulador oferta seu saber ao destinatário, que nesse caso é também o destinador-julgador. Se a manipulação for bem-sucedida, isto é, sancionada positivamente, o sujeito manipulado aderirá ao saber ofertado e entrará em conjunção com ele. Por outro lado, em caso de fracasso, o manipulado rejeitará as teses que lhe são propostas e não mudará

sua posição em relação a elas. Enfim, o ato epistêmico, conclui Greimas, implica, como em todo programa narrativo, a transformação de um estado de crença em outro.

O fazer-creer implica ainda uma operação de re-conhecimento; isto é, a confrontação, pelo destinatário, do saber que é proposto pelo destinador com o saber que ele próprio já possui. Caso os dois saberes sejam compatíveis, a mensagem será recebida como “verdadeira”; se forem incompatíveis, será recebida como “falsa”. Como se vê, e como já exposto no estudo anterior, Greimas considera que a verdade não é mais definida pela adequação do conteúdo do enunciado a uma realidade referencial, mas pela adequação do saber transmitido ao universo cognitivo do enunciatário. Já o saber dito científico seria uma manipulação pelo saber em que o convencimento do destinatário se daria por argumentos tidos como lógicos e por demonstrações tidas por científicas, e cujo encadeamento resultaria em uma proposição racional e também lógica, cuja recusa seria, no limite, impossível. Greimas conclui afirmando que não haveria territórios reservados previamente ao creer, como a religião, ou ao saber, como a ciência, mas que as formas de organização do universo cognitivo de uma sociedade definem os domínios de cada modalidade.

2.7 Descrição e narratividade a propósito de “O barbante” de Guy de Maupassant

Com este estudo Greimas inaugura o conjunto de textos constituídos por abordagens mais práticas e o faz mediante a análise do conto “O barbante”, de Guy de Maupassant, valendo-se de um método que provavelmente inspirou o utilizado no livro *Maupassant, a semiótica do texto, exercícios práticos* (1976), publicado quatro anos depois, e no qual Greimas analisa o conto “Dois amigos”, também de Maupassant. Nas duas análises, o autor utiliza critérios espaço-temporais e gramaticais (descrição, narração e diálogos) para segmentar, analisar e depreender a organização interna de um texto literário. Dentre as conclusões desse estudo, destaca-se o fato de que a divisão entre narração e descrição, tradicional nos estudos literários, pode não se sustentar quando se atenta para o nível mais profundo da narrativa, pois a descrição de algumas cenas no conto constitui, na verdade, uma micro história daquela sociedade. O autor levanta ainda outro ponto central: o problema da construção de actantes coletivos, como instituições jurídicas, econômicas, grupos sociais, etc., os quais poderiam ser submetidos aos mesmos processos de análise e cuja atuação não difere, na essência, da dos actantes individuais. Em um momento em que as instituições são constantemente questionadas, tal reflexão mostra-se ainda mais oportuna. Por fim, registro que esse estudo foi duramente — e, de meu ponto de vista, injustamente — criticado por Jean-Claude Coquet (2013) em *A busca do sentido*¹.

¹ Ver p. 297 e seguintes.

2.8 A *soupe au pistou* ou a construção de um objeto de valor

Mediante a análise de uma receita de cozinha — que ficou famosa por demonstrar que a teoria semiótica poderia ser aplicada a qualquer tipo de texto, mesmo os mais prosaicos — Greimas aborda principalmente a questão da construção de objetos de valor e dos valores neles inseridos, voltando, assim, de certa forma, a tópicos discutidos nos dois primeiros estudos de *Sobre o sentido //*, porém num enfoque prático. A análise da receita mostra que não é apenas o valor gustativo da sopa que está em jogo, mas também o prazer proporcionado por servi-la ou a necessidade de fazê-lo, pois o sujeito *preparador da sopa* já se apresenta modalizado por um querer ou dever, perante o qual o preparo da sopa revela-se um programa de uso. As conclusões do texto aplicam-se também, afirma o autor, aos discursos narrativos em que o enunciador constrói o objeto no qual investe os valores que pretende transferir ou *servir* para o enunciatário. Tanto no caso da receita, quanto no dos discursos figurativos, o que está em jogo, conclui Greimas, é, sobretudo, um fazer-saber, materializado, neste caso, na receita que ensina como elaborar uma sopa. Outros pontos cooperam para a notoriedade do artigo, tais como: a inserção por Greimas da temporalidade já no nível narrativo, em razão do tempo necessário para cozimento da sopa; a demonstração cabal de que sujeitos não precisam ser antropomórficos, dado que nenhum dos dessa narrativa é sequer *animado*, como o a água e o fogo; o fato de o texto explicitar o encadeamento de programas narrativos, no caso, o preparo da sopa e o preparo do manjericão, os quais se dividem em diversos subprogramas e, finalmente, a demonstração de que o preparo da sopa se dá mediante operações de triagem e mistura, que na semiótica tensiva ganharão importância capital. Greimas não cita Fielding, mas poderia fazê-lo, dado que o autor de *Tom Jones* (Fielding, 2003) compara, nos dois parágrafos iniciais do romance, o narrador a um cozinheiro, pois ambos preparam pratos, um pragmático e outro cognitivo, que servem à sua clientela.

2.9 Sobre os acidentes em ciências humanas

À semelhança do estudo anterior, neste Greimas analisa um texto não ficcional: o prefácio de *La naissance d'Archanges*, de Georges Dumézil. O texto analisado apresenta duas funções: de um lado, é um fazer cognitivo, portanto, a construção de um objeto de saber; de outro, é, também, como no caso anterior, a transmissão de um conhecimento, a ser enfocado de um ponto de vista epistêmico. Em síntese, Greimas demonstra como as modalidades sobredeterminam os três discursos presentes no prefácio: o discurso objetivo, ou seja, o da própria ciência; o discurso cognitivo, que narra o percurso do sujeito que busca construir o objeto de saber; e o discurso referencial, isto é, o discurso científico que aborda justamente o processo de construção do saber e os

acidentes ocorridos pelo caminho. Cada um desses discursos contém um *patamar modal que lhe é próprio*, o que permite distinguir as modalizações do processo enunciativo, as modalizações do enunciado e as modalizações epistêmicas. O estudo exemplifica, assim, o que foi discutido no capítulo dedicado ao *crer* e ao *saber*, quando Greimas aborda a manipulação pelo *saber*, que é justamente o caso do texto de Dumézil. Talvez por isso Greimas entenda que os resultados da análise do prefácio possam ser generalizados para o conjunto das ciências humanas, de forma a permitir uma melhor compreensão dos procedimentos utilizados na produção e manipulação do *saber científico*. O autor lembra, ainda, que é próprio do discurso científico se passar por indeterminado e coletivo, de modo que seu enunciador seria apenas um delegado. Finalmente, chama a atenção o fato de estudos tão distintos quanto este e o que o precedeu tratarem essencialmente do mesmo assunto — a construção de um objeto de *saber* — de forma tão distinta.

2.10 Sobre o desafio

Greimas analisa o *desafio* como um caso de manipulação em que o manipulado é forçado a realizar o que propõe o manipulador sob a pena de ter revelada sua suposta incompetência. Nessa situação estão em jogo as modalidades do poder e do *saber*, uma vez que o desafiado é sancionado prévia e negativamente como incapaz — e tanto faz se tal declaração é sincera ou não. Para anular tal julgamento ou, se preferirmos, para demonstrar que o *saber* do manipulador é falso, o manipulado se vê coagido a realizar aquilo para o que é considerado incapaz, senão sua incompetência será comprovada e se tornará pública. Assim, mais que poder ou não realizar determinado programa narrativo (a tarefa proposta), o que está em jogo é o *saber público* acerca de tal competência. O *saber* atua, portanto, duplamente: primeiro porque é o *saber privado* do manipulador que inicia a manipulação; em seguida, porque a ameaça feita pelo manipulador consiste na divulgação desse *saber*, que de restrito passaria a público. Greimas retorna, assim, a questões abordadas nos capítulos dedicados ao *crer*, ao *saber* e ao contrato de veridicção, pois a manipulação examinada, o desafio, consiste na proposição de um contrato veridictório, o qual, para se efetivar, depende de que manipulador e manipulado comunguem de um mesmo quadro de valores, pois caso contrário não haveria por que o desafio ser aceito. É preciso também que o *público* que tomaria conhecimento da incapacidade do sujeito tenha alguma autoridade sobre ele; caso contrário, não haveria por que temer que este conhecesse sua (in)competência.

Ao encerrar o artigo — o último do livro a ser redigido — Greimas (2014, p. 231) anuncia a chegada da semiótica das paixões ao afirmar que a análise do desafio demonstrou um jogo de modalidades que convidam a novas investigações:

Ao colocar em jogo organizações modais relativamente sofisticadas, o desafio comporta, por corolário, perturbações patêmicas não menos importantes, que, por sua vez, demandam à semiótica das paixões novas investigações.

2.11 Sobre a cólera

Talvez a maior e mais evidente contribuição desse estudo para a teoria semiótica seja ter trazido a afetividade para o centro da discussão, a qual era então periférica ou mesmo inexistente. Esse fato também faz de “Sobre a cólera” o estudo mais inovador de todos os que compõem *Sobre o sentido II* e ainda o que prenuncia de forma mais evidente o surgimento de *Semiótica das paixões*, publicado oito anos mais tarde. Como se sabe, em “Sobre a cólera” Greimas analisa o efeito passional da cólera, demonstrando, de forma particularmente didática, como, partindo da sequência frustração → descontentamento → agressividade, a cólera implica uma atuação conjunta dos sujeitos de estado e de fazer, alicerçada fundamentalmente nas modalidades do *crer*, em razão da confiança depositada no sujeito do fazer; do *saber*, em função da constatação de que este não cumpriu com seu dever, ainda que tal dever só exista para o sujeito da espera; do *querer*, mais concretamente, do *querer fazer* o mal, decorrente do descontentamento causado por o sujeito do fazer não ter cumprido com sua obrigação e, finalmente, do *poder fazer*, da hostilidade dirigida àquele que — por fazer ou por deixar de fazer — não cumpriu com o que dele se esperava. Greimas destaca, ainda, quatro elementos centrais no processo que origina a cólera: a confiança depositada, a espera de que essa confiança se concretize na ação, a decepção ou descontentamento pela confiança frustrada e finalmente a hostilidade dirigida ao outro.

Não parece fortuito o fato de esse estudo ser o último do livro, pois ele assinala o momento em que houve uma, digamos, reviravolta modal, e o estudo das modalidades deixou de ser uma parte ou uma abordagem da semiótica para ser a essência dos estudos sobre a produção do sentido, o que mudou de forma profunda e indelével o edifício semiótico. É fato que a abordagem que Greimas faz da afetividade, da tensividade, do sentir é muito diferente do que se verá especialmente a partir da virada do milênio; porém é inegável que sem os estudos de *Sobre o sentido II* tal mudança talvez jamais ocorresse.

À guisa de conclusão

Entendo que o que faz de *Sobre o sentido II* um ponto de inflexão na teoria semiótica é principalmente a forma ampla e a frequência com que o livro aborda a problemática das modalidades, que talvez seja o fio condutor a que Greimas se referia no início do preâmbulo, pois, do capítulo 3 em diante, as modalidades são o centro de todos os estudos e análises realizadas. Se já ao final dos anos 1970

as modalidades ocupavam espaço expressivo na teoria, fazendo-se claramente presentes no *Dicionário de semiótica*, a partir da publicação de *Sobre o sentido* // tal conceito provoca, para lembrar as palavras de Fontanille (1995), uma verdadeira reviravolta na ciência.

Em “Le tournant modal en sémiotique”, de (2012 [1995]), Jacques Fontanille demonstra por que a teoria das modalidades representou, como sugere o título do artigo, uma radical mudança nos rumos da teoria. Afirma o autor que, antes do surgimento das modalidades, a narratividade só ocorria em razão das transformações operadas pelos sujeitos, as quais eram decorrentes da relação de junção estabelecida com os objetos de valor. Com as modalidades, porém, apenas a possibilidade de transformação, a transformabilidade, já é suficiente para produzir a significação, pois as modalidades tornam perceptível a instabilidade de um estado do sujeito, a partir da qual se instaura a possibilidade de transformação, sendo secundária sua efetivação. Por exemplo, o fato de o sujeito querer ou dever (fazer ou ser) já indica que seu estado é precário e que tende ou visa à mudança, à transformação. Além disso, a oposição de modalidades de que um sujeito pode se ver investido — *querer*, mas *não-poder* ou *poder*, mas *não-dever*, por exemplo — é reveladora da tensão que se estabelece entre ele e os demais sujeitos e/ou da tensão decorrente de seus dilemas internos. Finalmente, em muitas narrativas — a atualidade está repleta delas — a busca por uma modalidade, o poder, por exemplo, representa um fim em si mesmo. Nesses casos, as modalidades não se apresentam como um programa de uso para a aquisição do objeto desejado, mas este se mostra um pretexto para a obtenção daquelas. As modalidades constituem, assim, uma nova forma de intencionalidade e de narratividade; na verdade, uma nova forma de apreensão do sentido — e os estudos sobre o desafio e sobre a cólera exemplificam — fundada no percurso modal dos sujeitos; nas modalizações de seu ser, para lembrar outro dos estudos que compõem o livro. De igual modo, como sugerem os estudos sobre o contrato de veridicção ou sobre o saber e o crer, a identidade dos sujeitos não se define apenas pelo objeto de valor em jogo, no caso a informação transmitida, mas por sua relação com o crer e o saber, definidores do modo de ser do sujeito. De forma análoga, a *soupe au pistou* interessa menos por seu valor gustativo e mais pelo prazer que proporciona ao ser servida aos convidados; por ser a concretização de um querer.

As afirmações de Fontanille suscitam ainda outra questão, relativa às relações que se estabelecem entre as axiologias e a busca de identidade: como os sujeitos se constroem em termos de modalidades enquanto perseguem seus valores, e de que modo se reconhecem nos valores que investem nos objetos? A possibilidade de uma história modal dos sujeitos abre, portanto, a perspectiva de um outro tipo de narratividade, fundada na busca pelo ser do sujeito. Não se trata apenas de substituição do conteúdo pragmático dos objetos pelo conteúdo

modal, mas de descobrir do que é constituído o valor e conseqüentemente o que move a busca por uma identidade e como ela se constitui. Talvez Jacobina de *O espelho* (Assis, 1997) tenha algo a dizer sobre isso.

No entanto, talvez as modalidades sejam *apenas* um dos aspectos da modernidade de *Sobre o sentido II*. É preciso não perder de vista toda a discussão realizada em diversos capítulos do livro acerca da veridicção, debate que hoje talvez seja mais atual e necessário do que naqueles dias — e já se passaram mais de quarenta anos! Ler *Sobre o sentido II* é, portanto, mais que compreender os fundamentos e desdobramentos da semiótica; é também um exercício para (tentar?) compreender os dias atuais, em que mais do que nunca o saber e o crer constituem um único e nebuloso universo cognitivo.●

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Papéis avulsos. *In*: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997. v. 2.
- BIGLARI, Amir. *Entrevistas semióticas*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: publicação independente, 2024.
- BORGES, Jorge Luis. Ficções. *In*: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo, 1991
- COQUET, Jean-Claude. *A busca do sentido*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FIELDING, Henry. *Tom Jones*. Trad. Jorge Pádua Conceição. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- FONTANILLE, Jacques. *Le tournant modal en sémiotique*. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29372>. Acesso em: 31 maio 2024.
- GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima, Edward Lopes, Maria José Castagnetti Sombra e Tiekko Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas; FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil, 1991.
- GREIMAS, Algirdas. *Maupassant la sémiotique du texte : exercices pratiques*. Paris: Seuil, 1976.
- GREIMAS, Algirdas. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EDUSP: Nankin, 2014. t. 2.

Du sens II: suggested reading

 CRUZ, Dilson Ferreira da

Abstract: This study seeks to demonstrate that, while it is still the consummation of a fundamental phase of semiotics and despite founding several of the theory's foundations that are still valid, *Du sens II* also sowed the seeds of the transformations that semiotics would undergo in the following years and which are still thriving today. To do so, we first look at general aspects of the book, such as the chronology and organization of the studies that make it up. This is followed by a brief analysis of Greimas' preface and the central aspects of each of the eleven studies that make up the book. Finally, the conclusion seeks to highlight the perspectives opened up by the book and its effectiveness in the development of the theory.

Keywords: Greimas; standard semiotics; theoretical foundations; modalities.

Como citar este artigo

CRUZ, Dilson Ferreira da. *Sobre o sentido II: sugestão de leitura. Estudos Semióticos* [online], vol. 20, n. 3. Dossiê temático "Sobre o sentido II, quarenta anos mais tarde: o pensamento de Greimas em devir". São Paulo, dezembro de 2024. p. 1-17. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

CRUZ, Dilson Ferreira da. *Sobre o sentido II: sugestão de leitura. Estudos Semióticos* [online], vol. 20, issue 3. Thematic issue "Du sens II, forty years later: Greimas' thought in the making". São Paulo, December 2024. p. 1-17. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 14/06/2024.

Data de aprovação do artigo: 15/07/2024.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

